

Artemis Lyrae Oliveira - RA 159613  
Raphael Evangelista - RA 157102  
Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Artes  
CS405 - Educação e Tecnologia  
Docente: Dr. José Armando Valente

## **Projeto 2: O papel das tecnologias na disseminação do debate sobre cotas raciais na Unicamp**

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de analisar pontos divergentes e convergentes na assimilação do debate sobre cotas raciais na Unicamp a partir das diferentes formas de participação (direta ou à distância) na primeira Audiência Aberta da Unicamp sobre cotas e ações afirmativas.

**Palavras-chave:** Cotas raciais. Tecnologia na educação.

### **Introdução**

O uso das tecnologias como ferramentas de aprendizagem vem sido debatido e explorado já a muito tempo nas áreas da comunicação e da pedagogia. No entanto, desde junho de 2013, vemos esse uso sendo aprofundado no sentido de não apenas disseminar conhecimento, mas para além disso, de promover o debate sociopolítico e funcionar como organizador coletivo dos setores oprimidos e explorados.

Esse uso também não é novo, exemplo disso é o Pravda, jornal operário criado em 1912 na Rússia czarista, que desempenhou papel importantíssimo como organizador proletário no processo da Revolução Russa. Pouco depois, o Kino Pravda de Vertov seguiria uma linha parecida, embora tenha tomado rumos distintos.

No entanto, com a presença cada vez maior e mais interativa das tecnologias de informação e comunicação no nosso cotidiano, esse uso ganha novas dimensões, principalmente a partir da abertura de um novo período de mobilizações de massas a partir da autoimolação de Mohamed Bouazizi na Tunísia em 2011. Hoje, manifestações de rua de milhares são concebidas, construídas e difundidas pelas redes sociais; qualquer um no mundo pode ter acesso a vídeos da PM reprimindo atos de milhares na Paulista, assim como a vídeos, relatos e depoimentos de protestos, conquistas e derrotas no mundo todo. Dessa forma, por exemplo, as experiências do movimento Black Lives Matter nos EUA, seus avanços e retrocessos, as táticas adotadas que deram certo e as que não deram, são compartilhadas e assimiladas pelos setores que lutam pelo fim do racismo no mundo todo.

Esse intercâmbio é fundamental para o avanço do debate e unificação do combate à opressão e exploração que existem no mundo todo.

O ano de 2016 no Brasil segue um trajeto cada vez mais assustador para os setores oprimidos e explorados. Golpe institucional da direita, retirada de direitos trabalhistas, reforma no Ensino Médio, cortes na educação, na saúde e na cultura. No entanto, esses ataques não passam sem resistência: escolas ocupadas no país todo, manifestações de ruas, greves. Dentre elas, temos a greve de 3 meses de trabalhadores e estudantes da Unicamp, deflagrada inicialmente em resposta a um corte de 40 milhões na universidade, mas que girou seu mote principal em torno da defesa de cotas raciais, que não existem até hoje nessa universidade dita de excelência. Desnecessário desenvolver a importância desse debate num momento político tão conturbado, onde um dos setores mais atacados é, como sempre, a população negra e periférica.

Com a ocupação do prédio da reitoria, a luta dos estudantes e trabalhadores garantiu conquistas como mais vagas na moradia e a realização de audiências públicas sobre cotas e ações afirmativas. O papel das redes nessa luta foi fundamental, com uma grande articulação dos estudantes em luta via Facebook, a partir da página Ocupa Tudo Unicamp, criada no primeiro dia de ocupação, possibilitando que o debate sobre cotas atingisse a maior parte do corpo discente da universidade, assim como a população fora dela.

Finalizada a greve, a mobilização continua, e a construção das audiências públicas está sendo realizada a partir de reuniões abertas pela Frente Pró Cotas e pelo Núcleo de Consciência Negra. A primeira audiência, com o tema “Cotas e ações afirmativas: perspectiva histórica e o papel da Universidade Pública no Brasil”, foi realizada no dia 13 de outubro de 2016, e transmitida ao vivo pelas redes sociais. Nesse projeto para a disciplina CS405 (Educação e Tecnologia), pretendemos refletir acerca do uso das tecnologias como ferramenta de disseminação do conhecimento e organizador coletivo de setores em luta, a partir do acompanhamento da primeira audiência, sua construção, realização e impacto nas pessoas alcançadas.

## **Objetivos**

Analisar o ambiente de aprendizagem gerado pelo debate e identificar se é um ambiente formal, não formal ou informal, enquanto visamos acompanhar o desenvolvimento do debate sobre cotas raciais na Unicamp a partir da participação na primeira Audiência

Aberta da Unicamp sobre cotas e ações afirmativas e da conversação com os organizadores, participantes e ouvintes, visando compreender o papel das tecnologias adotadas na construção desse debate. Após participar da primeira Audiência Pública da Unicamp sobre cotas e ações afirmativas, conversamos com alguns participantes e ouvintes no auditório.

Em seguida, procuramos por ouvintes que acompanharam a audiência através das transmissões ao vivo (tanto nos institutos onde a transmissão estava sendo exibida, quanto pelo computador), para fazermos as mesmas perguntas que fizemos ao primeiro grupo. Posteriormente, observamos e avaliamos os resultados obtidos em busca de similaridades e diferenças na assimilação do debate.

## **Metodologia**

Para a realização desse projeto, acompanhamos a primeira Audiência Pública da Unicamp sobre cotas e ações afirmativas. Depois, conversamos com participantes e ouvintes no auditório, e em seguida com ouvintes que acompanharam a audiência nas transmissões ao vivo realizadas em alguns institutos da Unicamp, assim como nas redes sociais. As conclusões tiradas dessas conversas foram comparadas no sentido de possibilitar uma compreensão do papel desempenhado pelas tecnologias na facilitação do acesso e participação nesse debate de extrema importância para a construção de uma universidade realmente pública.

A audiência ocorreu no Auditório 5 da FCM (Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp) no dia 13 de outubro. Finalizada a audiência, conversamos com alguns participantes e ouvintes para descobrir como foi a experiência do debate, quais foram as dificuldades e facilidades de assimilação encontradas. Em seguida, fizemos os mesmos questionamentos para algumas pessoas que assistiram à audiência através da transmissão ao vivo realizada nas redes sociais. O plano de acompanhar aqueles que acompanharam a audiência na transmissão ao vivo pelo PB acabou sendo abandonado por conta de problemas técnicos que impossibilitaram a transmissão.

Depois, traçamos uma comparação entre as respostas obtidas nas diferentes conversas, tomando nota das diferenças e semelhanças, as dificuldades e facilidades apontadas em cada situação.

## **Resultado**

O ambiente de aprendizado criado pela audiência pode ser caracterizado como um ambiente não formal, já que é uma atividade educacional organizada fora do sistema formal estabelecido e que possui um objetivo de aprendizagem e um público específico.

A primeira Audiência Pública ocorreu no Auditório 5 da FCM (Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp) no dia 13 de outubro. Compondo a mesa, estavam o professor Mário Augusto de Medeiros, do Departamento de Sociologia, a professora Lucilene Reginaldo, do Departamento de História, a estudante de História Taina Aparecida, do Núcleo de Consciência Negra da Unicamp, o reitor José Tadeu Jorge, a professora Rachel Meneguello, pró-reitora, o professor Felipe D'Alencastro, da Universidade Sorbonne de Paris, o mestre em Antropologia e indígena da etnia Tukano João Paulo Barreto e o professor antropólogo José Jorge de Carvalho. O auditório, com capacidade de 500 pessoas, estava lotado, com pessoas sentadas no chão por falta de cadeiras suficientes. Na plateia, um grande destaque pode ser dado para as cerca de 50 pessoas - majoritariamente quilombolas e refugiados africanos - vindas de São Paulo com um ônibus organizado pela rede de cursinho popular Educafro.

Após falas de abertura de Felipe D'Alencastro, João Paulo Barreto e José Jorge de Carvalho, abriram-se as inscrições para falas da plateia. Dados estatísticos, relatos de experiências e vivências, anedotas, poemas e músicas, as falas tiveram formatos variados e todas adicionaram de alguma forma elementos importantes ao debate. Após finalizada, conversamos com três pessoas diferentes da plateia para descobrir como foi a experiência do debate, as dificuldades e facilidades.

Duas das pessoas com que conversamos foram só ouvintes e uma delas fez uma fala durante o evento. De acordo com elas, algo que potencializou sua experiência e a assimilação do debate durante o evento foi a possibilidade de observar todas as pessoas na plateia e na mesa e suas reações ao que acontecia, tirar dúvidas e trocar impressões com aqueles à sua volta e ver as pessoas da organização se empenhando para fazer o evento acontecer.

Das conversas que tivemos, um dos relatos se sobressaiu. Uma das pessoas encontrou uma terceirizada negra na saída do auditório, que perguntou o que estava acontecendo no lá dentro. Isso pode trazer reflexões sobre o alcance da divulgação da audiência (que foi feita principalmente pelas redes), já que talvez os setores mais precarizados da própria universidade não tenham sido atingidos. Dentro da Unicamp, um espaço que deveria ser do

povo, os trabalhadores que estão constantemente no centro das discussões sociais não costumam ter acesso a esse tipo de ambiente, onde teriam muito a acrescentar ao debate.

A pessoa com quem conversamos que subiu ao palco para fazer uma fala relatou a dificuldade para fazer um discurso por conta do nervosismo frente ao número de pessoas na plateia do auditório lotado.

Um ponto negativo apontado pelos entrevistados foi a localização da audiência, distante do resto da Unicamp (que foi um problema ainda maior pelo fato de ter chovido durante o evento), apesar de o local ter um ponto positivo importante, já que é próximo ao Hospital das Clínicas, área da universidade com a maior concentração da população de Campinas, que não faz parte da comunidade acadêmica da Unicamp e utiliza serviços públicos. Em contrapartida desse ponto negativo, estavam as transmissões para que todos pudessem acompanhar a audiência em tempo real pela rede ou pelos pontos específicos da universidade que tiveram o evento projetado. O alcance da audiência e o público atingido foi muito maior em decorrência da transmissão online, considerando que o auditório estava cheio e que muitas pessoas que não puderam comparecer pessoalmente, tanto de Campinas quanto de outras cidades, tiveram a oportunidade de acompanhar o evento pelo site da Unicamp em tempo real.

Conversamos com três pessoas que acompanharam o evento através do uso da tecnologia. Foram relatados problemas com áudio baixo, internet ruim e baixa qualidade de imagem, mas o uso da rede para a transmissão fomentou o debate e trouxe pessoas que não poderiam estar presentes no evento para a discussão. Durante a transmissão, diversas pessoas estavam conversando sobre a audiência pelas redes sociais, um ambiente em que o medo de expor sua opinião é menor e que acrescentar ao debate é muito mais fácil do que aguardar sua vez, pegar o microfone e subir no palco (que é o processo para quem quisesse expor sua opinião de forma presencial na audiência).

Algo que melhora muito a absorção do debate e a reflexão de quem o acompanha à distância é poder pesquisar por mais informações na internet sempre que quiser, podendo buscar na rede informações que não foram dadas nas falas da audiência ou qualquer outro fato que o ajude a entender melhor os temas abordados.

## **Conclusões**

A transmissão ao vivo foi essencial para maior difusão de um debate tão importante dentro da universidade, alcançando o público que não pôde estar presente na audiência por inúmeros motivos diferentes. Algumas limitações dificultaram o acesso à distância, como computadores e internet ruins ou como no caso da projeção que fizeram no Pavilhão Básico, onde a caixa de som que estava sendo usada quebrou, mas o objetivo ainda foi atingido.

Acompanhar a audiência pela internet pode ser muito vantajoso pela possibilidade de debate nas redes sociais e por poder pesquisar sobre o assunto, mas a experiência de estar na plateia, ver a reação de cada uma das pessoas (e não só aquilo que a câmera enquadra) e de interagir com uma plateia tão diversificada quanto a desse evento (algo difícil de ser visto na Unicamp) são fatores que tornam única a experiência de quem está acompanhando a audiência presencialmente.

Vale ressaltar que ainda existe um abismo no acesso à informação dentro da própria Unicamp (como no caso da funcionária terceirizada). As tecnologias têm que ser usadas em conjunto com a discussão boca a boca, se complementando, para que um assunto importante como esse alcance o máximo de pessoas possível e, principalmente, aqueles que mais necessitam do envolvimento com o debate.